

A cara da jovem produção brasileira

Fernanda Lopes

No final dos anos 60, era difícil para os britânicos pronunciarem aquele sobrenome. Hélio Oiticica, artista brasileiro que era pouco conhecido até então na Inglaterra, causou grande impacto quando em 1969 expôs na Whitechapel Gallery seu "Whitechapel Experiment". Hoje, quase 40 anos depois, nomes de artistas brasileiros como Cildo Meireles que atualmente apresenta uma exposição individual na Tate Modern continuam trazendo dificuldades de pronúncia para ingleses e outros estrangeiros, mas já não são tão desconhecidos do público. Desde a década de 1990, e principalmente nos últimos 10 anos, a arte brasileira tem recebido cada vez mais a atenção de críticos e marchands estrangeiros, além de ocupar um espaço maior no circuito internacional.

Interessada em revelar a geração de jovens artistas brasileiros que construíram sua produção e sua poética nesses últimos 10 anos, a exposição "Nova Arte Nova", com curadoria de Paulo Venâncio Filho, chega no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro. Como parte das comemorações de 200 anos do Banco do Brasil, a mostra é resultado do trabalho de cinco meses de pesquisa e ocupa todo o espaço expositivo da instituição com obras de 57 artistas nascidos em 14 estados, de Goiás a Pernambuco, do Pará ao Rio Grande do Sul, abrangendo as cinco regiões do País. São mais de 100 obras, a maioria inédita, com linguagens e técnicas diversas: da pintura ao vídeo, da colagem às instalações sonoras, da escultura ao desenho.

"É surpreendente a facilidade e a fluência com que a produção brasileira contemporânea ingressa nessa nova condição", avalia o curador, que em janeiro de 2009 leva a exposição para o Centro Cultural Banco do Brasil em São Paulo. "Hoje, muitos jovens artistas brasileiros já encontra uma absorção muito rápida por parte do sistema de arte. E um sistema de escala global, não só local. Isso era algo quase impossível de acontecer há 30 anos", completa Paulo Venâncio, referindo-se aos jovens artistas dos anos 70, período em que começou a atuar como crítico de arte.

Na exposição é possível comprovar facilmente a presença efetiva de jovens artistas no circuito internacional, seja com obras em coleções importantes, representação em galerias estrangeiras, ou formação feita com bolsas de apoio no exterior.

Matheus Rocha Pitta, por exemplo, apresenta até 15 de novembro uma exposição individual em sua galeria londrina, a Sprovieri Gallery, enquanto seu irmão, Thiago Rocha Pitta, tem um trabalho em vídeo no acervo do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA). Já Laura Erber foi artista residente no Centro de Arte Contemporânea Le Fresnoy (França), na Akademie Schloss Solitude (Alemanha) e no Batiscafo (Havana), e realizou exposições individuais na Fundação Miró (Barcelona) e no Centro Internacional de Arte da Ilha de Vassivière (França). O projeto que apresenta em sua individual aberta essa semana na Galeria Novembro, no Rio de Janeiro, é resultado de um período de residência da artista em Paris, com ajuda de uma bolsa da prefeitura da capital francesa no centro de intercâmbio Le Recollets.

"Essa é uma exposição muito estimulante, amplia nosso campo de percepção. É importante que se tenha mostras como essas porque elas são boas para formar não só o público, mas também para os profissionais que trabalham na área", aponta Ann Gallegher, curadora da Tate Modern, em Londres. Ela e Briony Fer, uma das mais importantes críticas de arte contemporânea, foram convidadas por Paulo Venâncio Filho para refletir sobre a arte contemporânea nesse novo contexto histórico em palestras no início de novembro no CCBB-Rio. "O que eu gosto de ver nesses artistas é uma certa liberdade, que se reflete em uma variedade grande de materiais e maneiras de utilização", completa Gallegher.

Em tempos de globalização, a arte experimenta uma nova dinâmica, onde as estabilidades das categorias rígidas, classificações claras e inimigos declarados foram deixados de lado. Em um mundo sem fronteiras, os campos se sobrepõem e se contaminam. "Hoje, não encontramos movimentos muito claros, confrontos muito definidos, ou uma tendência hegemônica como em outras épocas, como, por exemplo, o Neoconcretismo nos anos 50 e 60", avalia Paulo Venâncio Filho, que optou por estruturar uma curadoria que assumisse as características de

variedade, diversidade e pluralidade da produção recente. Segundo ele, sua escolha foi a mais inclusiva possível. A montagem da exposição também se organiza de maneira fluida, reunindo em uma mesma sala trabalhos em vídeo, pintura, objeto e escultura, além de um mesmo artista aparecer em mais de uma sala, com trabalhos diferentes.

"É importante uma exposição como essa estar em uma instituição como o CCBB, que recebe a visitação de um público maior que o público específico de arte. Isso também ajudou a determinar um pouco a minha abrangência de critérios", explica o curador, lembrando que, em muitos casos, é possível ver mais de um trabalho de um mesmo artista.

A preocupação em mostrar mais obras não deixou de lado a preocupação de criar boas condições para a visitação, com uma montagem que privilegia os espaços entre as obras. "Não só a arte, mas também os espectadores precisam de espaço, de pausas, para se colocarem, para refletirem sobre o que estão vendo. Deixei um pouco para o público estabelecer seu próprio confronto com os trabalhos e os artistas que estão na exposição", completa.

A partir do catálogo, o público também vai poder estabelecer novas relações com essa produção. A publicação, com 200 páginas, traz não só resumos biográficos e imagens de obras de todos os artistas da exposição, como também textos de cinco jovens críticos brasileiros, que a convite de Paulo Venâncio Filho, escreveram sobre essa nova geração especialmente para o livro. "Assim como a mostra apresenta o trabalho de jovens artistas, achei que seria interessante que o catálogo trouxesse a contribuição desses jovens críticos, que estão mais próximos dessa produção", explica o curador. Em seus textos, Cauê Alves, Daniela Labra, Guilherme Bueno, Luisa Duarte e Marisa Florido ressaltam diferentes aspectos dessa produção e seu contexto, como as instituições atuantes e estratégias coletivas de trabalho. A variedade de pontos de vista faz da publicação um documento importante que dá àqueles que querem entender melhor a arte contemporânea, algumas chaves importantes de leitura.

Assim como a produção artística, a produção crítica também passou por mudanças nos últimos 10 anos. Se nos anos 80 tinham sua produção acompanhada por críticos que se formaram na década anterior, hoje, é grande o número de jovens críticos atuando. "Esse é um despertar interessante de uma nova geração de críticos que se forma com uma nova geração de artistas", avalia Paulo Venâncio. "Diferentemente da minha geração, que criava seus espaços editando revistas e catálogos de exposição, hoje é mais difícil criar espaços para atuação. Os espaços já estão muito tomados. Há um nível de profissionalização maior, com críticos ligados à universidade ou à programas de bolsas e incentivo. O que é interessante notar é que parece que essa geração voltou para os ateliês dos artistas, acompanhando a produção do trabalho e não só sua aparição pronta em uma exposição", completa.

No dia 25 de novembro, o CCBB vai apresentar sua terceira palestra ligada ao evento, reunindo em uma mesa-redonda os cinco críticos e o curador. Juntos, eles vão discutir, entre outras questões, as respostas da arte brasileira às transformações da vida contemporânea, provocadas pelas novas tecnologias e pela economia globalizada. O encontro será às 18h30 e tem entrada franca, com distribuição de senhas a partir das 17h30.

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 14, 15 e 16 nov. 2008, Fim de Semana, p. D8.